

**Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes**

Fundador: Padre Américo \*

Director: Padre Lu

# A Escola

No nosso cantinho de trabalho de nada nos aperceberíamos, se não fossem as notícias inquietantes sobre o próximo futuro funcionamento da Escola em Portugal. Temos seguido o esforço aturado para reorganizar o Ensino e ordenar a sua execução a um aproveitamento razoável que tem faltado nos últimos anos. Parece-nos até o sector mais activo da nossa vida pública. Talvez por isso o mais a perturbar por quem não queira que as coisas caminhem para uma perfeição sempre em busca e nunca totalmente achada. Porém, não será a ausência de serenidade e de trabalho honesto que levará a tão suspirada meta.

A Escola tem nos alunos a sua razão de ser. É para eles e nunca eles podem sair do campo de visão responsável dos que intervêm no processo

escolar. Para todos os problemas se há-de procurar uma solução sem afectar o direito dos estudantes ao ensino e a um ambiente de disciplina que lhes proporcione o crescimento no saber e a formação de hábitos de trabalho. De outro modo toda a desorientação dos que têm a missão de orientar se reflectirá ampliada sobre os jovens.

É mal antigo que, entre nós, a função de ensinar seja um subproduto de outras ou um recurso de vida para quem não consegue melhor modo de a ganhar. Desde a Universidade em que professores, realmente mal pagos, eram-no por acidente em relação a muito mais essenciais funções que cumpriam noutros lugares e nem sempre afins da especialidade que ensinavam, até à Escola Primária a que alguns se resignavam por não poderem ir

mais longe, sem contudo desprenderem o coração de outras saídas mais vantajosas.

A carreira de Professor é mais do que função: é missão. Só deveria abraçá-la quem tem a paixão de ensinar. O mercenário do Ensino, por competente e honesto que seja no exercício da função, nunca atingirá a autenticidade de mestre. Este assimila-se à figura do bom pastor, esquecido de si, dos seus interesses e até dos perigos que o rodeiam, para atender às ovelhas e as defender do lobo se ele surgir.

Concordamos que é exigente esta vocação e, conseqüentemente, rara. Aceitamos mesmo que num meio pobre de valores como o nosso, não haverá suficientes vocações deste teor para só com elas preencher os lugares de Ensino. Tendo, pois, de recorrer ao mercenário, não se poderá, todavia, dispensar uma expurga séria e uma eliminação decidida dos que fazem da Escola apenas um ganhar da vida.

Nós sabemos por experiência feita em várias das nossas Casas o fracasso que foi com as classes especiais para os deficientes intelectuais. Em uma delas, justamente na que tem índices mais generalizados e profundos destes atrasos, conseguiu-se melhor aproveitamento com uma paciente e dedicada regente escolar do que com as professoras espe-

# Partilhando

*O Outono já chegou; e com ele, as folhas secas e amareladas, atiradas ao vento com a chuva e o frio a anunciar que os frutos maduros devem ser apanhados... Até parece que a Natureza vai morrer a par da falta de calor! Assemelha-se o Outono à natureza humana na sua fase de maturidade, a caminho da velhice e da morte. Só que nos homens é fácil parar e morrer, ao passo que na Natureza a caminhada de renovação é sempre natural. Assim acontece, porque as leis da harmonia e da evolução, assimiladas pela Natureza, dificilmente são contrariadas. É a lição que as coisas dão aos homens — a morte aparente como sinal de vida. Os homens, ao contrário das coisas, são tão refratários à aceitação das leis naturais, que a harmonia, a justiça, a igualdade, o amor ainda continuam a ser leis de segundo plano, nas relações entre eles!*

*O amor aos Outros não se supõe, vive-se. Não se impõe à força; mas ajudar a abrir caminho para que ele cresça sempre mais, é já amor... E não se confunde com o orgulho e a vaidade, mas traduz-se em tudo o que é simples e essencial. É um ideal a atingir, com sonhos e ilusões...*

*Lembró toda essa gente que se diz não crente e que luta ao lado de seus Irmãos mais pobres para os transformar em homens com mais dignidade. Quando não identificados com qualquer fanatismo ideológico, essas pessoas merecem-nos a maior estima, porque nos ajudam a compreender melhor o problema da libertação humana, no concreto dos homens. E porquê afastar essas pessoas? Será o nosso mundo demasiado rico em valores humanos, ao ponto de as considerarmos a mais na urgente necessidade de dar as mãos a todos que, em verdade e em espírito, procuram um Reino de Deus cada vez mais humano e justo? D. Helder Câmara diz a propósito em «Espiral da violência»: «Se a vida te afastou da prática religiosa ou mesmo da fé, talvez ames ainda e sempre a verdade. És capaz, talvez, de sofrer pela justiça. Então poderás ajudar enormemente e servir de exemplo nas horas difíceis! Para lá das barreiras, unamo-nos!»*

*Se hoje se sofre demais, a todos os níveis, não será porque ainda se vive mais a travar que a motivar, a julgar que a compreender, a marginalizar que a amar?*

Continua na QUARTA página

# Benguela.

«(...) É verdade que tem sido impressionante o nosso silêncio. Mas não é sinal de morte. Estamos bem. Muito trabalho, preocupações, isso é verdade. Mas estamos bem e confiantes, procurando viver o dia-a-dia que o Pai do Céu nos vai dando, fazendo alguns projectos também.

A vida tem corrido normal. Os sectores da Casa continuam todos a funcionar. Serralharia com muito trabalho, carpintaria quase parada, mas ainda a trabalhar também. A vida estudantil continua, conforme as circunstâncias.

Formas de cooperação, no campo material, é que ainda estão por definir. De modo que há um ano que não recebemos nada do Estado. Felizmente até este momento temos remediado. Estivemos numa fase difícil, que vamos superando com o nosso trabalho e com um ou outro auxílio que conseguimos privadamente. Reconvertimos a agricultura. Passámos a cultivar cebola, tomate, batata e outros produtos de horta que, de momento, são vendidos a preços elevados, pois o Cavaco é, no momento, quase o único celeiro de Angola. Temos a vacaria, uma rica criação de porcos, enfim, vamo-nos gastando a pouco e pouco com estes trabalhos todos. O sector agrícola, fundamental para a nossa sobrevivência, sob a minha responsabilidade directa. De modo que, motorista até às 11 horas da noite, mais o campo, mais os Rapazes e uns biscatos por fora, vão-me consumindo a vida, que tem sido uma maratona.

Não temos sido incomodados por quem quer que seja. Todos os domingos vou celebrar ao Pópulo, na cidade, com a igreja cheia.

Continua na QUARTA página

Cont. na TERCEIRA pág.



Paço de Sousa — O campo de jogos da nossa Aldeia, emoldurado d'arvoredo, é lugar d'encontro nos tempos livres. às vezes..., de trovoadas também!

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**RETIRO** — Os mais velhitos que quiseram, foram fazer o seu Retiro. Foi numa casa perto de Folgueiras, lugar sossegado e calmo, mesmo apropriado.

O sr. Padre que orientou o Retiro, foi um Capuchinho, que aliás já não é a primeira vez que faz Retiro a malta nossa. De meia idade, ainda mantinha algo que o rejuvenescia e, aliás, todos nós gostámos dele, estou certo disso.

Já agora temos que dizer um obrigado às senhoras cozinheiras que lá cozinham para nós.

Nós que fomos, nunca tínhamos ido a um Retiro, ou melhor, feito um Retiro, mas muitos outros já o fizeram. Todos, uns melhor, outros pior, procurámos cumprir mais ou menos o que estava estabelecido; e a coisa correu regularmente bem.

O nosso Retiro durou dois dias e meio. No último dia cantámos, andámos alegres, só que quando íamos para tirar as fotos da ordem, estava a querer chover. Mas, mesmo assim, tirámos-las todas.

Estou confiante que para o ano teremos novamente Retiro.

**5 DE OUTUBRO** — Também o festejámos.

Da parte de manhã, e para darmos adiantamento à nossa vindima, fomos todos colaborar.

A parte de tarde foi por nossa conta.

Por volta das 4,30 h. houve um grande encontro, os novos contra os casados.

Como é natural, os solteiros ganharam por 4-3. Não foi muito, mas se os casados não tivessem metido na equipa alguns dos solteiros, é que ia ser bonito!

No final do jogo houve uma sardinhada. Todos reunidos na adega, casados e solteiros, passámos ali um pouco da tarde a merendar. A merenda: sardinhas, pão, mais o nosso delicioso vinho.

Pena foi que a distribuição das sardinhas não fosse com a devida

ordem. Ele era encontrões por todos os cantos; alguns queixavam-se que não tinham comido, enquanto outros já iam em três. Só isso é que foi mau!

Foi assim, para nós, o 5 de Outubro!

**PARTIDA** — Já foi embora o nosso amigo Harry. Quero-lhe agradecer, em nome de todos, os dias belos que passou junto de nós. Duvido, porém, que para o ano volte com a mesma vontade com que até agora tem vindo! Entretanto, desejamos-lhe boa viagem e felicidades.

«Marcelino»

## Tojal

**DESPORTO** — Já começava a fazer-se notar a ausência do Tojal destas colunas. Isto porque havia falta de temas, por um lado. Por outro, as férias do cronista...

Começo por me referir ao desporto, à ginástica.

Na devida altura referi-vos neste jornal a actividade de ginástica exercida ultimamente pelos nossos rapazes. Fê-lo até sob o signo de uma nove amoda». E ao concluir, pedi-vos, em nome deles, um trampolim.

Não sei bem que repercussão teve a notícia desta necessidade. Mas, ao que parece, ninguém dispõe ou está em condições de atender ao pedido. Ficamos a aguardar mais algum tempo.

Entretanto o grupo de futebol teve ocasião de desentorpecer um bocadinho ao ser visitado por uma equipa vizinha. Embora há muito parados, não nos foi difícil levar de vencida a equipa adversária.

Ao saber que estava a fazer esta crónica, o nosso capitão disse-me para lançar um convite a todos os grupos desportivos interessados num encontro de futebol e em alegres momentos de confraternização. E ele acrescentou: «Mas que tragam um árbitro».

**AGRICULTURA** — O sector agrícola ocupa agora maior número de mão-de-obra. Isto porque iniciámos a apanha da azeitona. Aliás, no passado dia 5 de Outubro «implantámos-nos» nas oliveiras e vai de ripá-las... Foi a forma mais original que encontramos para comemorar a data histórica, colhendo o «caldinho» para o Inverno.

**ESCOLAS** — Tiveram início em todo o País as aulas para o Ensino Primário. Do ponto em que me encontrava nesse dia, pude observar com que ansiedade e alegria os rapazes correram para a Escola e ao mesmo tempo saudaram os professores que ao longo do ano lhes irão ministrar o ensino.

Só desejo que pelo resto do País as coisas tenham corrido de igual modo. Isto na abertura do Ensino Primário. Porque o Ensino Secundário, esse aguarda ainda a sua vez, que já está anunciada oficialmente, mas, ao que se sabe, de impossível cumprimento.

Isto já deixa transparecer algumas dificuldades iniciais neste sector. Para

além daquelas que se adivinham vir a surgir no decorrer do ano.

Oxalá eu me engane. Caso contrário começará a tardar a harmonia neste sector de tão grande importância para a vida do País, bem como para os pais e encarregados de educação que reiteram ano após ano todas as suas ansiedades.

Jorge Cruz

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Há muito tempo que, intervaladamente, damos a mão a uma família que poderia ter um bom nível de vida, não fosse o pai ser vítima do álcool e, por isso, já um inválido.

A propósito: folgámos com a notícia publicada na Imprensa diária sobre uma acção de interesse para a recuperação de alcoólicos. Assim, pela terapêutica dos pais, serão defendidas muitas crianças que, amanhã, ficariam condenadas a diversas parências.

É um problema tão sério que não pode estar à mercê de melhores dias. Até como investimento altamente reprodutivo em todos os sentidos.

No caso vertente, principiámos já há muito tempo por realojar a família, com os trastes na rua por força da lei, em uma moradia no cimo de um monte, sem grandes condições. Mas a falta de casas não é típica dos meios urbanos ou das respectivas cintururas. O problema tem a mesma acuidade nas zonas rurais.

Atendendo às carências específicas do agregado, o senhorio impôs condições: nós, os vicentinos, seríamos os *inquilinos!* E assim foi, durante uns três ou quatro anos.

Recentemente, porém, surge-nos a oferta generosa de uma moradia em melhores condições de habitação. Curiosamente o senhorio não cobraria, de facto, aluguer — enquanto não melhorasse a situação económica do casal. Entretanto, chega a pensão de reforma, os atrasados: dezasseis mil e tal escudos. Arrumam contas no merceiro, etc. E abordam o senhorio, propondo-lhe uma pequenina renda, em relação às disponibilidades do agregado. Ele aceita. E volta a frizar — numa atitude com por cento cristã — que, se não pudessem, dar-lhes-ia na mesma um recibo. Ora o documento deu água pelas barbas. O inquilino ofende o senhorio! Intervimos imediatamente. Dá o braço a torcer, porque a justiça tem muita força. E mais: a gratidão não pode ser olvidada.

**PARTILHA** — A *procição* abre com 50\$00 de Alijó. São de «velha Assinante»; muito nossa amiga, aliás. Mas, «uma encomendazinha para os vossos Pobres; pena é ser tão pouco». A presença habitual da Assinante 17740, que sublinha: «Como não tenho estado em Lisboa, vão dois meses». Delicadeza! Mais gente conhecida: duas vezes o casal assinante 17022.

Coimbra:

«Por vale postal, a quantia de 200\$00 que peço o favor de aplicar em alguma necessidade mais urgente

da Conferência, esperando que me desculpe da insignificância; isto é apenas em acção de graças por um favor concedido por Deus.»

Esclareçamos o endereço do Calvário: Boire — Paredes (Douro).

De Ornans, França, sobras de 100 francos «para ajuda da Conferência». Agora, vem a «Lexista da Figueira»:

«Se a minha querida e saudosa Mãe ainda vivesse, completaria hoje 101 anos. Em comemoração desta data e sufrágio pela sua alma, envio 100\$00 para os meus Irmão da Conferência de Paço de Sousa.»

Sufrágio cristão!

Mais outro, do Fundão:

«Passa no próximo dia 16 mais um aniversário do falecimento de minha Mãe e, para assinalar o dia, peço o favor de dar a um Pobre 200\$00. Preferia que se tratasse de uma velhinha, mas como fizer será sempre bem.»

É assim mesmo; com bom senso.

Assinante 19177, do Bairro de Francos (Porto), 100\$00. Continuará a mandar todos os meses. São os melhores subscritores! Mais 100\$00, de Oledo. O mesmo do Porto. E da Assinante 30413 que, na linha de quase todos, pede que não ponham o meu nome no jornal». Esta é a *procição* dos Anónimos!

Lisboa:

«(...) Segue em vale postal a importância de 2.550\$00 (vieram mais 950\$00 com outro destino) para a Conferência de S. Vicente de Paulo. Aplicará esta importância no que melhor entender. É uma migalha, mas em parte é tirada do ordenado de professora, que, como sabe, não é nada por aí além, apesar das habilitações literárias (licenciatura)... Os das «cinturas industriais» ganham mais... Que lhes faça bom proveito e o repartam com os Explorados.

Peço-lhes orações por... que foram grandes amigos de Pai Américo e V. conheceu-os.

É essa a intenção da pequena ajuda à Conferência.

Quando eu tiver outra oportunidade, verei o que poderei enviar para a mesma intenção. Dependerá um tanto do horário que me for distribuído no próximo ano lectivo. No Ensino Particular ganhamos de acordo com o número de horas semanais...»

Mais sufrágios! Anónima de algures, 100\$00 «para os vossos Pobres, por alma de Minha Mãe e de meu Marido». Sabrosa (Fermentões), 500\$ da Assinante 24048. Mais 100\$00 da rua Pascoal de Melo, Lisboa. Ainda Lisboa, o dobro de M. A. «para ajuda da conta da mercearia da vossa Conferência». Que remessa oportuna! As facturas são aos contos de réis... Mais um remanescente do Assinante 10986 de Pardeilhas, Murtosa. Idem, da Assinante 5717, do Porto. Mais Porto com 280\$ «por alma de meu Pai Artur e meu tio Júlio», de A. F., que jamais esquece os Pobres. Assinante 9022, 50\$00. «Para as necessidades mais prementes da Conferência, 500\$ pelas almas de Maria Beleza e filhos.»

Para todos, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Miranda do Corvo

**ELEIÇÕES** — Novo ano escolar. Nova vida. Novos chefes.

Tivemos há pouco tempo eleições. Eleições livres, como vós sabeis. Para nós não foi preciso vir o 25 de Abril, para que em nossas Casas começasse a reinar a Democracia.

A nossa Democracia, o nosso Socialismo, começou quando Pai Américo fundou a primeira Casa do Gaiato, que por sinal foi esta de Miranda do Corvo.

Estas eleições foram mais uma das muitas provas de Democracia a que nós já estamos habituados.

Os eleitores tinham todos a 4.ª classe feita e pelo menos 14 anos de idade.

Aos candidatos exigia-se apenas 17 anos feitos. Havia muitos.

O voto foi secreto.

No fim do primeiro escrutínio os resultados não acusavam maioria absoluta.

Havia quatro candidatos votados. No segundo escrutínio continuava a não aparecer a tão desejada maioria absoluta.

Apuraram-se os votos do 3.º escrutínio, e aquele que obteve maior número de votos é que ficou a ser o chefe-maioral.

Houve mais dois candidatos votados; e por ordem ficou: chefe-maioral, Ribeiro; sub-chefe, Zé Albino; 2.º sub-chefe, Abílio.

Todos eles ficaram com responsabilidades diferentes, mas bastante grandes.

Todos nós, eleitores, depositamos toda a nossa confiança neles. São eles que neste próximo ano irão orientar e ajudar a nossa Comunidade, nas horas mais aflitas.

A nossa esperança, a nossa confiança, a responsabilidade da família, foi tudo isto que os três eleitos tomaram como seu encargo.

Oxalá eles nos saibam conduzir pelos melhores caminhos.

**TEMPO DE REFLEXÃO** — Realizou-se no nosso Lar, em Coimbra, um encontro espiritual para os nossos rapazes mais velhos.

Este encontro tem-se realizado todos os anos, só que até então tinha por nome «Retiro».

Foram três dias passados em reflexão e meditação. Os temas para estes trabalhos baseavam-se na Sagrada Escritura — na palavra do Senhor. Três dias que foram, ou não, bem aproveitados. Cada um é que vai sentir e saborear os frutos de dele colheu.

Todos nós pretendíamos que fossem bem aproveitados, pois é este encontro anual que nos enriquece e fortalece a nossa fé, a nossa esperança pelo mundo melhor.

O Padre Pelino esforçou-se para que este encontro fosse o mais completo possível. Para esse fim, contactou com um grupo de gente nova, para nos falar de alguns temas, em que ele estava pouco à vontade.

Estes jovens fizeram-nos uma explanação dos temas pretendidos, recorrendo a exemplos práticos da vida quotidiana. Nós fizemos as nossas perguntas, eles responderam-nos.

A todos eles agradecemos muito, por terem ido passar aquelas horas conosco.

Zé Domingos



Eis um ar de graça da encantadora Gracinha, filha do Fernando Dias.

# Do que nós necessitamos

Duma Maria Rosa, 2.500\$. Do Porto, 100\$. Roupas da Ass. 12844. Anónimo de Lisboa, com 500\$. Mais 100\$ da Foz do Douro. De anónima de Cête, 500\$, sendo 300\$ pelo bom resultado dos exames de seus filhos e 200\$ por alma de sua Mãe. Trezentos do Porto. 50\$ de Alcobça. Setecentos de Areosa. Quinhentos e cinquenta por alma de Eduardo Fonseca. Da Covilhã, 50\$. Do Porto, 200\$ acompanhados deste recado: «Uma malta de café envia a quantia junta que encontrou perdida». Obrigados pela vossa lembrança.

Dum aumento de ordenado, 500\$. De Tomar, 3.000\$. De Ernesto T. Rocha, 300\$. Em sufrágio de Etelvina Torres, 50\$. Pela mão da nossa boa recoveira do Bairro da Pasteleira, 650\$ de vários amigos e 150\$ por alma de seu marido, mais roupas e medicamentos. Cem de Melgaço. Mil de B. C. Duma excursão escolar de Baltar, 249\$70. Por alma de Ludovina e Ermelinda, 50\$. De Viseu, M. Glória, com roupas, 1.000\$ e 2.000\$. Da Senhora da Hora, 200\$. Da rua de S. João, 1.370\$90. Dois contos duma senhora de idade, acompanhada por dois meninos que pareciam netos. Cem de Oliveira do Douro. Dois mil de visitantes. Cem de Santiago de Litém. Da rua António Cardoso, o donativo mensal de 1.000\$. Desta vez, vieram

3.000\$ por Julho e Agosto e do subsídio de férias. «Da mãe que cre em Deus», a cota habitual. Eis a presença anual do Pessoal da Fábrica de Malhas Marão, com 3.820\$+350\$. E mais 2.000\$ de Madalena. A visita, também anual, dos «Bairristas do Palácio» e suas mi-galhinhas, 2.780\$50.

«Ass. 3384, com 300\$, em acção de graças das minhas poucas férias terem decorrido sem incidentes.» De Braga, 500\$. Anónima com 300\$ e Maria José Ludovice com 500\$. Ambas as importâncias entregues pela mesma pessoa. Cinquenta da Covilhã. Quinhentos de um grupo de Trabalhadores da 3.ª Divisão dos Serviços dos Correios. Trezentos de Corte-gaça. Da Amadora, os 100\$ mensais em selos de correio. Avintes com 100\$. Anónimo, com o primeiro vencimento de seu filho, 3.865\$. Maria Carolina, em acção de graças ao Pe. Cruz, com 550\$. «Uma viúva e mãe inconsolável», de Coimbra, com 500\$ por alma de sua filha. Vários móveis e 200\$ de Oliveira do Douro, que o Carlitos lá foi buscar.

De uma Mãe de três filhos, 1.000\$. Isaura com 100\$. Ass. 16264, com 330\$. De Clara e José Flores, várias presenças. J. Gonçalves com 100\$, mais 500\$ de visitantes. Velha Ass. de Monte Estoril, com 100\$ mensais. Vieram quatro meses. Ass. de Rio Tinto, com 300\$.

Da rua Carlos da Maia, os 1.000\$ mensais. Da Calçada da Estrela, 150\$. Em sufrágio de Ana da Conceição, 50\$. Mais os 150\$, do costume, dos «Avós de Sintra». E votos de rápidas melhoras. E, ainda, ofertas várias, entregues no Espelho da Moda ou à porta do Lar do Porto. Mais 1.000\$, «importância que consegui apurar com as restrições que fiz nas despesas das minhas férias». Veio de Rio Tinto.

Vale de 5 contos, de S. Mamede de Infesta. Vinte rands de «uma Galviense». Cem de Celeste. Ass. 8492 com 1.000\$. Da Figueira da Foz, 100\$. Braga, com 500\$. E mais 1.000\$ de Cascais. Foram várias as respostas ao pedido de linhas para a rouparia da Casa de Paço de Sousa. Vieram delas de Lisboa, Faro, Coimbra, Palmela, Porto, Lisboa e mais Porto e ainda as que foram entregues no Lar. Presente também «uma amiguinha de Coimbra», com 500\$ para as linhas.

«Obra de Deus, para os Pobres», com 50\$+100\$. De Silves, 300\$. De J. A. C., 100\$. Alenquer com igual quantia. Amigo de Rio Tinto, com 300\$. Anónimo de Leiria, com 100\$. Do Porto, 500\$ de Cecília. Dum subsídio de férias, 500\$ vindos do Caramulo. Cinco mil dum casal suíço, chegados por intermédio duma religiosa de Oliveira do Douro. Duzentos do Porto. Mais 500\$ de M. Angelina. Duzentos de Rio Maior. Anónima com 500\$, para as férias. Dois mil de visitante de Gaia, entregues ao «Eusébio». E 450\$ do Fundão. Da visita dos Trabalhadores do Teatro Aveirense, 645\$. De Beatriz, 200\$. De Mem Martins, 2.000\$. Ass. 32409, com 100\$ por alma de dois Josés. «Portunense Maria» com 500\$. Do Bairro Fernão Magalhães, 100\$. E a legenda já conhecida: «a promessa que a minha gratidão não esquece», com 200\$ por duas vezes. De Faro, casal amigo com 2.500\$, para cobertores. De visitantes 4.250\$, entregues pelo Mário. Da Direcção Geral da Rank Xerox, o donativo de 42 contos. «Duma Mãe de Matosinhos», 100\$. De S. Paulo — Brasil, 1.000\$. E duma Margarida, 100\$ e um «até breve».

E esta carta duma jovem: «Quando era estudante de Liceu visitei essa grande Obra chamada Casa do Galato e se faz é unicamente para ajudar a vida desses rapazes que aí habitam e torná-los felizes. Hoje sou estudante da Faculdade de Medicina do Porto e continuo a lembrar-me muitas vezes dessa vossa Casa especialmente quando leio vosso jornal que há muitos anos o meu pai assina.

Para cumprir uma promessa que fiz se passasse num exame, envio junto uma nota de 20\$00, resultado das minhas economias que são muito importantes mas que estou certa aceita com alegria. Penso de não poder contribuir com mais, mas como consigo prever ainda não ganho e que os meus pais me dão pouco é muito pouco. Espero um dia contribuir com uma quarta maior.»

De facto assim é. Recebemos visitas de alunos de todos os graus de Ensino, desde os Jardins-Escola, até aos universitários. E, como dizia Pai Américo, «nós somos a porta aberta».

Manuel Pinto

vista de olhos pela vossa arrumação, e não se envergonhem de nos oferecer um guarda-chuva velho, mas utilizável.

● Foi hoje o primeiro dia das nossas Escolas. Tem algumas professoras novas, outros professores que já trabalham há alguns anos. Ainda não ouvi comentários, mas eles surgirão. Os adultos não se deveriam esquecer que as crianças os observam com um grande sentido crítico... e quando nada lhes escapa... Mas também sabem amar quem a eles se dá em verdade.

Aqui fica uma palavra de boas-vindas aos nossos professores e o desejo que eles sintam felizes ajudando a construir a felicidade dos nossos Rapazes.

Padre Abel

## Retalhos

● Há dias, um grupo dos nossos, que ronda os onze anos, andou a trabalhar na mata, fazendo montes das raízes que tinham sido arrancadas antes. Por confusão daquele que tinha sido encarregado de ir levar as merendas aos diversos grupos de trabalho, ficaram sem ela. Ao fim do dia vieram reclamar. Senti a força da sua reclamação. Sentiam-se com a razão do seu lado e, embora pequenos, defendiam os seus direitos. Na verdade, um dia sem merenda não é «monte de homem»; mas visto o problema do seu lado, era uma injustiça e, por isso, reclamavam.

Que bom seria se os homens compreendessem os homens; se cada um ao expor os seus problemas pudesse sentir que os outros o compreenderiam. Mas, em grande parte dos casos, cada um é capaz de perceber as suas necessidades e facilmente menospreza as dos outros.

Todos nós temos muito que aprender para caminhar no sentido de nos compreendermos uns aos outros... E só assim a Justiça poderia deixar de ser uma palavra vã.

● Quem já visitou a nossa Aldeia de Paço de Sousa sabe que o centro da Casa, a que poderá ser chamada a casa de todos, é a «casa-mãe». Aí é a cozinha, o refeitório, mas a Comunidade vive em diversas casas. Assim, acontece que durante o dia, muitas viagens se têm que fazer fora do abrigo das telhas... E agora no

Inverno a chuva é uma visita assídua. Facilmente se conclui que o guarda-chuva se torna um objecto precioso nestas lides. Os que temos são poucos para tanta gente; e quando «ela» cai começa a «guerra» dos ditos. Lembrei-me de vos trazer este pormenor da nossa vida porque com certeza muitos de vós tendes em casa alguns já velhos, que não são próprios para passear nas ruas da cidade, e que aqui davam um jeito... Até porque as árvores da nossa Aldeia já estão habituadas a um certo exotismo.

Quando nos vierem visitar, não se esqueçam de dar uma

## A ESCOLA

Cont. da 1.ª pág.

cializadas, munidas de muita técnica e pouca devoção. E infelizmente esta verificação não é apenas uma queixa nossa, mas bastante ouvida de outros que tentaram a experiência.

É justo e necessário que o professor seja compensado, ao menos a nível de qualquer outro profissional que nem sequer suporta a responsabilidade e a fadiga que importa o ofício de ensinar. É justo e urgente que este direito lhe seja reconhecido e satisfeito, para lhe evitar a tentação de o reivindicar por formas de luta que acabam por abastardar-lhe

o ideal e sempre vitimam os alunos, para quem nunca é de mais toda a disponibilidade que lhes é devida. Mas que não perca de vista o professor da Escola Nova nem o objecto do seu gastar da vida nem as virtudes que lhe alimentarão este desgaste: generosidade, espírito de sacrifício e uma grande dedicação à juventude, por amor da qual todos os esforços de competência e actualização do saber e de procura de eficácia no transmitir não são demais para o que o futuro depende e espera deles.

Padre Carlós

### RETALHOS DE VIDA

## O «Spínola»



Sou o Armando Joaquim da Silva, mais conhecido pelo «Spínola», natural de Montepuez — Moçambique, onde nasci a 6 de Novembro de 1962.

Nunca conheci os meus pais, apenas um tio que muito estimo e por quem tenho muita consideração.

Mais tarde, com 12 anos, fui para a Casa do Gaiato de Lourenço Marques; e comecei logo por trabalhar como pintor das vigas da nossa Casa, no que muito gostei de estar, durante o período de um ano. Tenho muitas saudades de lá, principalmente dos rapazes que lá ficaram.

Em Novembro de 1975 vim para Portugal por causa da guerra civil. Fiquei aborrecido por deixar a Casa onde trabalhei muito, eu e os meus colegas, com suor e lágrimas, para depois chegar ao fim e ficarmos sem Casa. Isto são coisas que nunca mais esqueço na minha vida. Será mais uma ferida que fica dentro de mim.

Agora, encontro-me na Casa do Gaiato de Paço de Sousa há já um ano e meio. Trabalho nos trolhas e ando na terceira classe. Estou muito atrasado com esta idade; mas, se Deus quiser, ainda farei a 4.ª classe e o 2.º ano da Telescola. Para isso vou fazer imenso esforço.

Também sou vendedor do jornal, no Porto. E por lá tenho muitos amigos, que muito me estimam com o maior carinho.

Aqui vos deixo o resumo da minha vida. Um abraço deste vosso amigo

Armando Joaquim da Silva («Spínola»)

# O NOSSO JORNAL

«Queridos Amigos:

Enviamos junto o correspondente a uma assinatura do nosso jornal O GAIATO que, quanto fosse possível, gostaríamos de ver destinada a ajudar alguém que por motivos simplesmente monetários pensa em deixar de receber este querido jornal.

Mas este ou outro qualquer destino pouco importa desde que seja para ajudar quem precise, lamentando nós apenas a insignificância da importância em face das necessidades.

Porém, ele é enviado com Amizade e desta maneira esperamos que ele também seja aí aceite.

E por agora é tudo. Agradecemos-vos todas as vossas obras que nos pondeis ao dispor,

principalmente O GAIATO que sempre consideramos mensagem viva do Amor entre os homens e testemunho de que pode haver Paz e Felicidade se todos nos tornarmos irmãos com os olhos postos em Jesus Cristo.

Continuai como até aqui, pois nunca estareis sozinhos.

Felicidades vos desejam alguns dos amigos de V. N. de Gaia.»

Ó devoção! Quem a merece? Quem é capaz de lhe corresponder? De onde o enlevo que faz indispensável a leitura do «nosso» jornal e desperta a caridade de o partilhar com outros?

O Espírito de Deus sopra aonde quer, como quer, serve-

-Se de quem quer. Por nós sabemos quem somos: vulgaridade na fraqueza que consome o Homem. É Ele que faz Luz dos traços negros que nós gravamos no papel. É Ele que ordena a nossa inspiração e a harmoniza. Quantas vezes, sem sabermos uns dos outros, nos encontramos no pensamento e o damos em variações que lhe enriquecem a expressão, aqueles que temos a missão de escrever o «nosso» jornal.

E quem inspirou a estes «alguns dos amigos de V. N. de Gaia» uma tal delicadeza, uma tal necessidade de expandir o amor que lhes arde nos corações, para «ajudar alguém que por motivos simplesmente monetários pensa em deixar de receber este querido jornal»? O mesmo Espírito de Deus — julgo eu e não duvido que eles o julgarão também.

Ele há dons e dons. Todos têm o seu encanto. Mas este traz um perfume requintado de amor ao Próximo que não tem nada de proporcionado ao valor monetário que lhe serve de suporte. É uma partilha toda de bens de espírito. Eles querem para outro, que nem sequer conhecem, o bem que encontram e os motiva a acção de graças por «todas as obras que nos pondeis ao dispor, principalmente O GAIATO que sempre consideramos como mensagem viva do Amor entre os homens e testemunho de que pode haver Paz e Felicidade se todos nos tornarmos irmãos com os olhos postos em Jesus Cristo». E em quem há-de os homens pôr os olhos para se tornarem irmãos uns dos outros, se não no Irmão mais velho que o Pai nos concedeu, no Homem novo da nova Criação, «Único em que há salvação»?

## Benguela

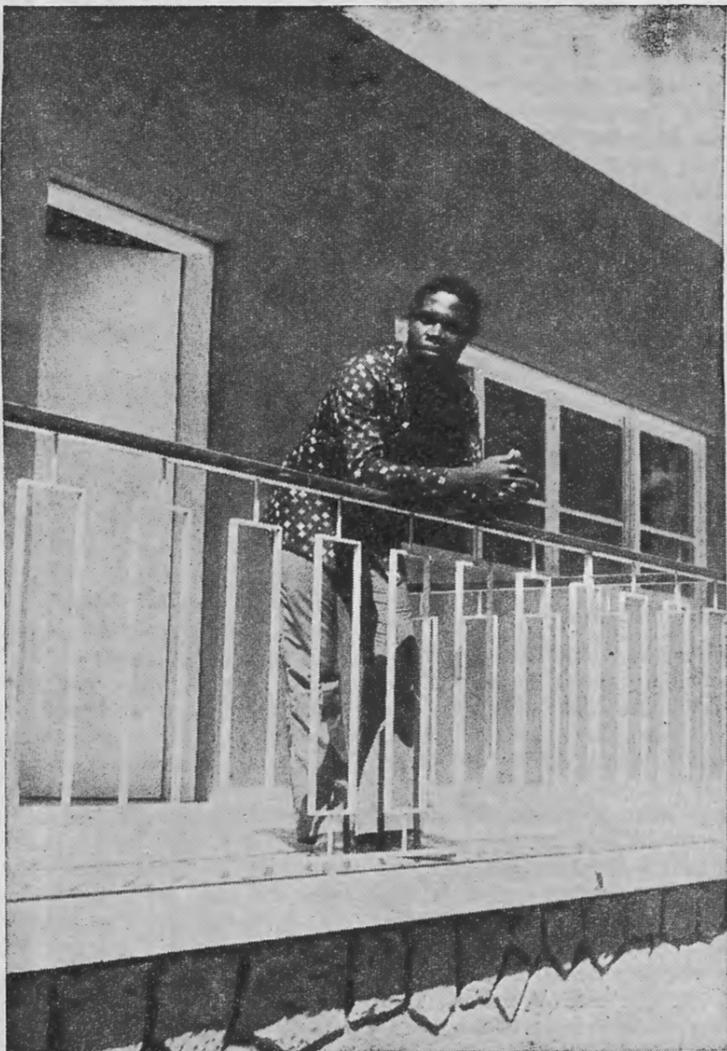
Continuação da PRIMEIRA página

Não tenho escrito a ninguém, a não ser uma carta ou outra em resposta; mas raramente. O correio amontoa-se. Porém, durante o dia, impossível atendê-lo. A noite estou estoirado e sem disposição para o fazer.

É tudo por hoje, festa de S. Vicente de Paulo. Adeus. Não se preocupem demasiado connosco, pois não há motivo para isso.

Padre Manuel António»

Nota da Redacção: Certos de que os Leitores estão ansiosos por notícias das nossas Casas de Angola, tendo expurgado o que é estritamente pessoal, entendemos publicar esta carta de Pe. Manuel, que a todos se destina, Família de dentro e de fora.



Benguela — O João Fernandes, que é nosso há mais de 10 anos, com a naturalidade de quem está no que é seu.

## Partilhando

Continuação da PRIMEIRA página

É pena que se vá perdendo tempo e forças em coisas de pouca monta, nesta hora decisiva em que temos muito a perder, se por este ou aquele motivo nos esquecermos do que somos, do que há a fazer e como fazê-lo. Olhar para quem sente o presente bastante mastigado por situações indefinidas; cair nesses erros que do passado condenamos — é esquecer o Evangelho: «Sede simples como as pombas e prudentes como as serpentes».

É bem certo que é mais difícil continuar, modificar ou reconstruir do que construir de novo, pois ali, há um trabalho duplo e não só destruir algo, para construir diferente, melhor ou pior. Um problema e um risco a correr.

Caminhar juntos e ao lado uns dos outros, cada um dando o que de válido e verdadeiro tem e pode dar, ainda é o passo maior para se atingir o Deus-Amor em que acreditamos, através do nosso contributo humano e cristão e imparcial, à sociedade mais equilibrada que deve acolher em seu seio todos os homens que, à partida, sejam iguais em direitos e deveres.

É o Outono há-de voltar, mas mais marcado com as flores bonitas que o Verão já não conheceu, porque o vento as levou, quando os frutos nasceram! Assim, também nós...

Padre Moura

Só a Ele honra e glória e acção de graças. A Ele endossamos a gratidão destes Amigos, como a nossa a eles por esta mensagem de Esperança e de Fraternidade. Fiquem certos de que a Amizade com que o seu dom nos foi enviado é a causa de semelhante estado de alma em que o aceitamos e em que permanecemos.

E já agora, se nos permitem estes Amigos e todos os Leitores, uma palavra muitas vezes repetida, mas sempre oportuna: O único preço que pomos às nossas publicações é, exclusivamente, o amor com que elas são recebidas. Jamais cor-

tamos um assinante que nos pede o corte da assinatura pelo escrúpulo de não poder tornar-nos qualquer valor monetário. Se o jornal é querido por ele, ele é querido por nós. Pagará quando, como, o que, se puder... E se nunca puder, as contas estão sempre liquidadas pelo preço essencial do amor que nos une, em partilha de pobreza, de humildade, de fé na esperança de uma sociedade nova, plena de Paz e Felicidade, mercê do Amor entre os homens de que só Um é garante: Jesus, o Filho do Homem.

Padre Carlos

## Calvário

Para os famintos qualquer pequeno nada enche de abundante alegria.

A Isabel, mongólica, com todas as características que esta situação normalmente comporta, muito cedo perdeu os pais, ambos falecidos em consequência de acidente de viação.

Hoje vive no Calvário. Aqui tem a sua casa e os seus. Ela não sabe que há mais no mundo. Basta-lhe este. E vive feliz nele. Quando se lhe revela mais campo de vida fica espantada e delirante em o conhecer.

Ando a prometer-lhe uma ida à praia. Digo-lhe o que vem a ser o mar e os seus encantos. Ela abre os olhos, a boca e imagina. E estremece de contentamento só com o pensar que há-de um dia ver o mar, a praia, coisas que nunca viu.

Outro dia sai e levei-a à vila próxima. Foi uma pequena saída. Ao chegar todos tiveram que viver o seu esfuziante delírio.

— Eu fui à praia! E gostei muito!

Ela, na verdade, nem as areias do mar chegou a ver. Saíu de casa. Viu novas terras e isso bastou para que tivesse tudo quanto ansiava. E foi feliz!

Mas a saturação é consequência lógica da abundância. E quanto mais desta mais daquela.

Na semana passada chegou um camião repleto de melão oferecido. Largas toneladas dele. Delicioso. Foi todo um dia para o arrumar nas despensas e nos recantos disponíveis. E, têm sido dias e dias, refeições e refeições, para dar cabo dele.

É preciso comer melão. Resultado: já anda tudo farto de melão.

A abundância satura. Na vida social talvez haja hoje em dia um nadinha, para não ir muito longe, de saturação, devido à abundância de tanta coisa.

Precisamos de regressar à justa medida do que somos, valemos e merecemos.

Doutro modo corremos o risco da saturação.

Padre Baptista



# Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa